

Quadro desanimador: dívidas, déficit...

O País que o futuro Presidente administrará terá hiperinflação, já que as taxas de março chegarão a 60%, variação que anualizada aponta para uma alta superior a 18.000% em 12 meses. Além disso, terá de arcar com os custos da dívida externa de US\$ 110 bilhões, da dívida interna de US\$ 115 bilhões e herdará um déficit público de 5% do PIB (US\$ 17 bilhões).

As taxas de crescimento também não são animadoras, pois este ano deverá fechar com expansão de 3% do PIB. Isso, depois da estagnação econômica de 1988. Mais grave ainda, são as baixas taxas de investimento nos últimos cinco anos, em níveis próximos aos do período de maior recessão da década, 81-83.

Além desses indicadores pouco favoráveis, o novo Presidente enfrentará o problema da falência do Estado. O Governo deixou de investir e,

ao contrário da década de 70, onde o setor público acumulava poupança elevada, passou a "despoupar" nos anos 80, o que impediu novos investimentos em infra-estrutura e políticas sociais.

Com isso, parte do setor privado que trabalha vinculado às encomendas públicas passou a apresentar índices de ociosidade elevados, como foi o caso do de bens de capital, principalmente aqueles sob encomenda.

Além disso, em outubro deste ano a Sondagem Conjuntural da Fundação Getúlio Vargas revelou que o nível de atividade das indústrias do País tinha atingido o elevado percentual de 85%. Qualquer eventual aumento de demanda exigirá novos investimentos para ampliar a capacidade instalada do parque industrial.